

ACOMPANHAMENTO das Expectativas Econômicas



SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS E PROJETOS – SUESP | estudos@cnseg.org.br

Nº 134 – janeiro/2021 – semana 3

A semana começa com sinais mistos, resultado do ambiente de grande incerteza do começo deste ano, como já esperávamos. A aprovação, pela Anvisa, do uso emergencial de duas vacinas contra a Covid-19, a CoronaVac (da Sinovac) e a de Oxford-AstraZeneca e o início da imunização em São Paulo logo em seguida são notícias positivas, pois é consenso que apenas a vacinação em massa possibilitará a normalização das atividades econômicas e, assim, uma recuperação mais consistente. Entretanto, a temida “disputa” por doses entre países começa a dar suas caras. O fracasso do governo no episódio da importação de doses da vacina da Oxford-AstraZeneca produzidas na Índia deixa bastante claro que vacinar o número de pessoas necessário para que se chegue à imunidade coletiva levará tempo e exigirá esforço, coordenação e recursos. Por mais que tenhamos grande capacidade de produção de imunizantes – na Fiocruz e no Butantã –, haverá também disputa pelos

insumos que são, em grande parte, importados. A nosso favor, é importante lembrar que o Brasil conta com a estrutura logística e a experiência de algumas das maiores campanhas de vacinação do mundo. No curto prazo, as chocantes cenas registradas em Manaus, com mortes por falta de oxigênio em meio à explosão de casos da Covid-19, acendem ainda mais luzes de alerta para outras regiões do País, como temos comentado desde o final do ano passado com a possibilidade de agravamento da pandemia por conta das festas de final de ano. Vale lembrar que, na primeira onda, o caos se instalou primeiro no Amazonas. A semana que passou foi também marcada pela divulgação de diversos indicadores de atividade importantes, como a PMC, que mostrou que as vendas do varejo ficaram praticamente estáveis em novembro do ano passado, com leve queda de 0,1% (o varejo ampliado, que inclui veículos e materiais de construção, teve alta de 0,6%). O resultado

veio após uma sequência de seis taxas positivas, período no qual o indicador acumulou ganho de 32,2%, já que o varejo foi um dos setores que conseguiram ter um desempenho favorável durante a pandemia, com o auxílio emergencial e medidas de isolamento que deslocaram gastos dedicados antes a serviços presenciais. Uma das razões para a desaceleração nas vendas do varejo está na inflação mais alta no final do ano, que esteve concentrada nos alimentos, atrapalhando o desempenho das vendas de supermercados, com peso relevante na PMC. O IPCA de dezembro também foi divulgado na semana passada (alta de 1,35%), levando a inflação oficial de 2020 a 4,52%, a maior desde 2016. Para este ano, a expectativa para o IPCA subiu nesta semana, de 3,34% para 3,43%, ainda abaixo do centro da meta, que é de 3,75%. Por isso, as projeções para a Selic ao final deste ano continuam estáveis em 3,25%.

ACOMPANHAMENTO das Expectativas Econômicas



SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS E PROJETOS – SUESP | estudos@cnseg.org.br

Nº 134 – janeiro/2021 – semana 3

Voltando aos indicadores de atividade, a PMS mostrou que os serviços tiveram, em novembro, uma forte alta de 2,6%, impulsionados pelos serviços prestados às famílias, que foram os que mais sofreram durante a pandemia e agora se recuperam com a flexibilização. Entretanto, o recrudescimento da pandemia pode atrapalhar. São, de maneira geral, resultados positivos, que levaram o índice de atividade do Banco Central, o IBC-Br, a subir 0,6% em novembro, acima do esperado pelos analistas. No entanto, retratam um período anterior ao atual recrudescimento da pandemia, que pode ter afetado essa recuperação já em dezembro, principalmente, no início deste ano. É importante, portanto, analisar indicadores alternativos de divulgação mais célere para entendermos como o crescimento este ano pode ser afetado. Apesar disso, as projeções para o crescimento do PIB este ano subiram levemente de 3,41%

para 3,45%. Uma das razões para isso pode estar no cenário externo relativamente favorável. Além do avanço da vacinação pelo mundo e do forte crescimento da China, a perspectiva de estímulos adicionais na economia americana com a Casa Branca e o Congresso dominados por democratas (e o controle tênue do Senado é até visto de modo favorável por analistas) está ajudando a sustentar preços de commodities e aumentando o apetite por risco, o que tende a beneficiar países emergentes, como o Brasil. Esses estímulos foram explicitamente demandados pelo presidente do Fed, Jerome Powell e, por isso, mesmo que ocorra um aumento da inflação nos EUA na esteira desses estímulos (o que os analistas têm chamado de “reflação”), é pouco provável que seja suficiente para alterar o curso da política monetária na maior economia do mundo, reforçando o cenário de juros baixos nas economias centrais por um longo tempo.

A posse de Joe Biden como 46º presidente dos EUA, nesta quarta-feira, deve ser observada com atenção, por conta da ameaça de manifestações violentas. O presidente eleito anunciou um pacote adicional de estímulos de R\$ 1,9 trilhão e adiantou que, em fevereiro, virão mais medidas em áreas como infraestrutura, energia verde e educação, além de um plano para vacinar 100 milhões de americanos nos 100 primeiros dias de seu governo. Na política nacional, entre a guerra de narrativas e ações envolvendo a vacinação e a eleição para a presidência das casas do Congresso, pouco tempo ou atenção devem sobrar para outros temas e, por isso, a agenda econômica, na melhor das hipóteses, só deve voltar a ser trabalhada em fevereiro, o que desperta preocupações. Na agenda da semana, destaque para a reunião do Copom, na quarta-feira (20/01), que decide a taxa básica de juros, a Selic.

ACOMPANHAMENTO das Expectativas Econômicas



SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS E PROJETOS – SUESP | estudos@cnseg.org.br

Nº 134 – janeiro/2021 – semana 3

Notas	Variável	Realizado 2019	Realizado 2020	Realizado 12 meses	Valores projetados para 2020					Valores projetados para 2021				
					Hoje	Última semana	4 semanas	13 semanas	Início do ano	Hoje	Última semana	4 semanas	13 semanas	Início do ano
					15/01/21	08/01/21	18/12/20	16/10/20	03/01/20	15/01/21	08/01/21	18/12/20	16/10/20	03/01/20
4	PIB	1,33%	-5,04%	-3,38%	-4,35%	-4,37%	-4,40%	-5,00%	2,30%	3,45%	3,41%	3,46%	3,47%	2,50%
2	Produção Industrial (quantum)	-1,07%	-5,49%	-5,19%	-4,93%	-4,94%	-5,00%	-5,98%	2,19%	5,00%	4,78%	5,00%	4,27%	2,50%
4	PIB Indústria	0,15%	-5,09%	-3,55%	-3,75%	-3,90%	-3,90%	-4,86%	2,50%	3,80%	4,05%	3,80%	4,01%	2,90%
4	PIB de Serviços	1,62%	-5,26%	-3,48%	-4,86%	-4,86%	-4,88%	-5,73%	2,10%	3,28%	3,28%	3,28%	3,20%	2,50%
4	PIB Agropecuário	1,06%	2,44%	1,78%	2,34%	2,34%	2,35%	1,71%	3,00%	2,25%	2,42%	2,35%	2,80%	3,20%
1	IPCA	4,31%	4,52%	4,52%	--	4,37%	4,39%	2,65%	3,60%	3,43%	3,34%	3,37%	3,02%	3,75%
1	IGP-M	7,32%	23,14%	23,14%	--	--	23,90%	17,15%	4,24%	4,94%	4,60%	4,70%	4,30%	4,00%
1	SELIC	4,59%	1,90%	2,79%	--	--	--	2,00%	4,50%	3,25%	3,25%	3,00%	2,50%	6,50%
1	Câmbio	4,03	5,20	5,24			5,15	5,35	4,09	5,00	5,00	5,00	5,10	4,00
2	Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	54,57%	61,35%	56,10%	63,48%	63,75%	65,20%	67,40%	58,08%	64,95%	64,95%	67,00%	70,00%	59,20%
2	Conta Corrente (em US\$ bi)	-50,70	-7,50	-12,15	-5,80	-4,50	-4,60	-6,71	-54,20	-19,41	-16,00	-17,40	-17,00	-60,30
2	Balança Comercial (em US\$ bi)	40,47	44,32	49,41			56,15	57,56	38,20	55,00	55,00	55,10	55,00	35,60
2	Investimento Direto no País (em US\$ bi)	69,17	33,43	36,25	40,00	40,00	40,00	50,00	80,00	60,00	60,00	60,00	65,00	84,40
1	Preços Administrados	5,54%	2,61%	2,61%	--	2,70%	2,50%	0,96%	4,00%	4,20%	4,02%	4,36%	3,90%	4,00%

Fontes: SGS (BCB) e SIDRA (IBGE). Data de corte: 18/01/2021

Notas: 1- dados até dezembro/20; 2- dados até novembro/20; 4- dados até setembro/20.

Vide nota de referência de período.